TEMPO É DINHEIRO

LIONEL SHRIVER

Tempo é dinheiro

TRADUÇÃO DE
Vera Ribeiro

intrínseca

Copyright © 2010 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL
So Much for That

PREPARAÇÃO
Ana Kronemberger

REVISÃO
Cristhiane Ruiz

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA
Jarrod Taylor

IMAGENS DE CAPA
© Comstock/Getty Images e © Paul Tucker

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S564t

Shriver, Lionel, 1957-
Tempo é dinheiro / Lionel Shriver ; tradução de Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

464p. : 23 cm
Tradução de: So much for that
ISBN 978-85-8057-189-9

1. Conflito conjugal - Ficção. 2. Ficção americana. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

12-2369. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Paul. Na perda, a libertação.

Tempo é dinheiro.

— Benjamin Franklin,
Conselhos a um jovem comerciante, 1748

Capítulo Um

Shepherd Armstrong Knacker
Merrill Lynch Conta nº 934-23F917
1º de dezembro de 2004 – 31 de dezembro de 2004
Valor Líquido em Carteira: US$731.778,56

O que pôr na bagagem para o resto da vida?

Nas excursões de pesquisa — ele e Glynis nunca as haviam chamado de "férias" —, Shep sempre levava coisas demais, prevendo qualquer eventualidade: roupas para dias de chuva, um suéter para a improvável hipótese de haver um frio fora de época em Puerto Escondido. Diante de contingências infinitas, seu impulso era não levar nada.

Não havia qualquer motivo racional para mover-se furtivamente pelos corredores, como um ladrão que assaltasse a própria casa — pisando de leve as tábuas do assoalho, estremecendo quando elas rangiam. Certificara-se duas vezes de que Glynis estaria fora até o começo da noite (em um "compromisso"; ela não ter-lhe dito onde nem com quem o deixava aborrecido). Num telefonema, com o pretexto esfarrapado de perguntar sobre os planos para o jantar, quando fazia um ano que não partilhava uma refeição decente com o filho, ele confirmara que Zach estava instalado em segurança na casa de um amigo,

onde passaria a noite. Estava sozinho em casa. Não precisava pular quando a polícia aparecesse. Não precisava estender a mão trêmula para a gaveta superior da cômoda, à procura de cuecas, como se a qualquer momento fossem agarrá-lo pelo pulso e dizer que ele tinha o direito de permanecer calado.

Só que, de certo modo, Shep era um ladrão. Talvez do tipo mais temido por qualquer família. Chegara do trabalho um pouco mais cedo que de hábito para roubar a si mesmo.

O bolso da frente da grande mala preta Samsonite estava com o zíper aberto em cima da cama, escancarado como ficara para partidas menos drásticas, ano após ano. Conteúdo até o momento: um pente.

Shep obrigou-se a cumprir as etapas de recolher um xampu para viagem e o estojo de barbear, mesmo duvidando que continuasse a fazer a barba na Outra Vida. Mas a escova de dentes elétrica representou um dilema. A ilha tinha eletricidade, com certeza, só que ele não chegara a descobrir se as tomadas eram do tipo norte-americano, com dois pinos chatos, do tipo britânico, pesadonas, de três pinos, ou do tipo europeu, delicadas, com pinos bem separados e redondos. Também não sabia dizer com absoluta certeza se a corrente local era de 110 ou 220 volts. Quanto relaxamento! Esse era justamente o tipo de detalhe prático que, em excursões de pesquisa anteriores, tomara o cuidado rigoroso de anotar. Ultimamente, porém, eles haviam se tornado menos sistemáticos, especialmente Glynis, que, em alguns momentos, nas viagens mais recentes ao exterior, dera uma escorregada e usara a palavra *férias*. Um dado revelador, e acontecera diversas vezes.

Resistente, de início, ao chacoalhante zumbido intracraniano da Oral B, Shep acabara gostando da superfície lisa dos dentes depois de concluído aquela tarefa entediante. Como no tocante a todos os avanços tecnológicos, parecia antinatural retroceder, retomar a esfregação espasmódica com cerdas de nylon num cabo de plástico. Mas, e se Glynis fosse ao banheiro ao chegar em casa e notasse que a escova de tarja azul tinha sumido, enquanto a dela, a de tarja vermelha, continuava na pia? Seria melhor que esta noite, justo esta, não começasse com perplexidade ou desconfiança. Ele sempre poderia levar a de Zach — nunca tinha ouvido o garoto usá-la —, mas não conseguiu se imaginar surrupiando a escova do próprio filho. (Shep tinha pago por ela, é claro, como por praticamente tudo o que havia ali. Mas pouco ou nada naquela casa parecia lhe pertencer. Houve uma época em que isso o incomodara, mas agora simplesmente tornava mais fácil deixar para trás o secador de salada, o apa-

relho de ginástica e os sofás.) Pior, ele e Glynis dividiam o mesmo carregador. Ele não queria deixá-la com uma escova de dentes que durasse cinco ou seis dias (não queria deixá-la de jeito nenhum, mas isso era outra história), uma escova cujo tremor enfraquecido e terminal proporcionasse a trilha sonora que faria sua mulher resvalar para mais uma de suas depressões periódicas.

Então, depois de desatarraxar apenas uma ou duas voltas do suporte de parede, ele tornou a apertá-lo. Devolvendo tranquilizadoramente o cabo de sua escova ao carregador, afanou uma escova manual do armarinho do banheiro. Teria de se acostumar ao retrocesso tecnológico, o que, de um modo que não conseguia identificar com exatidão, com certeza fazia bem à alma. Era como recuar para um estágio de desenvolvimento que era capaz de compreender.

Shep não pretendia simplesmente cair fora, desaparecer do convívio da família sem aviso ou explicação. Isso seria cruel, ou mais cruel. Também não apresentaria a Glynis um perfeito fato consumado, um aceno de adeus à porta. Oficialmente, iria confrontá-la com uma escolha, uma escolha pela qual, em prol da credibilidade, pagara um preço exorbitante. O provável era que não tivesse comprado nada além de uma ilusão, mas uma ilusão poderia ser algo que não tem preço. Por isso, ele havia comprado não uma, mas três passagens. Não reembolsáveis. Se sua intuição estivesse completamente errada e Glynis o surpreendesse, mesmo assim Zach não iria gostar. Mas o garoto tinha quinze anos, e isso, em termos de regressão no desenvolvimento, significava voltar ao tempo em que um adolescente americano fazia o que lhe mandavam.

Por causa do medo de ser flagrado no ato, Shep acabou tendo tempo de sobra. Glynis ainda levaria cerca de duas horas para chegar e a Samsonite estava completa. Dada a confusão em matéria de tomadas e correntes elétricas, ele tinha posto na mala algumas ferramentas manuais e um canivete suíço; nas crises comuns, uma pessoa ainda se arranjava melhor com um par de alicates de ponta fina do que com um BlackBerry. Só umas duas camisas, porque ele queria usar camisas diferentes. Ou nenhuma. Umas miudezas que um homem da sua profissão sabia que poderiam fazer a diferença entre a autonomia convicta e a desgraça: fita isolante; uma seleção de parafusos, porcas, arruelas e juntas de borracha; lubrificante de silicone; selante plástico; tiras de borracha (*elásticos*, para a turma da velha guarda de N' Hampshire, como seu pai); e um rolinho de arame. Uma lanterna para as quedas de energia e um estoque de pilhas AA. Um romance que devia ter escolhido com mais cuidado, já que

só estava levando um. Um manual de conversação inglês-suaíli, comprimidos contra malária, repelente de insetos. Creme à base de cortisona para o eczema persistente do tornozelo, um tubo que acabaria logo.

Para evitar a necessidade de outras inclusões, seu talão de cheques do Merrill Lynch. Ele não gostava de se ver como calculista, mas acabou sendo uma sorte sempre ter mantido essa conta apenas no seu nome. Poderia — e o faria, é claro — oferecer-se para deixar a metade com Glynis; ela não ganhara um tostão daquele dinheiro, mas os dois eram casados e a lei era assim. Só que precisaria avisá-la de que nem centenas de milhares de dólares durariam muito tempo em Westchester e, mais cedo ou mais tarde, ela teria de fazer não o "seu trabalho", mas o de outra pessoa.

Shep fora obrigado a encher a Samsonite de jornal, para impedir que suas quinquilharias insignificantes chacoalhassem no compartimento de carga da British Airways. Guardou-a no armário e, para arrematar, cobriu-a com um roupão de banho. Uma mala pronta em cima da colcha assustaria Glynis muito mais que uma escova de dentes desaparecida.

Acomodou-se na sala de estar com um *bourbon* revigorante. Não era seu hábito começar a noite com algo mais forte que uma cerveja, mas o hábito teria adiado indefinidamente essa noite. Pôs os pés para cima e correu os olhos pela sala agradável, mas de mobiliário barato, incapaz de lamentar deixar para trás qualquer objeto daquele ambiente conhecido, exceto a fonte ornamental. Quanto a se despedir das almofadas decorativas ou da mesinha de centro com tampo de vidro onde a fonte gotejava, sentia-se decididamente animado. A fonte, ao contrário, sempre o enchera daquela cobiça característica da classe média, aquele desejo do que já se possui. Excentricamente, Shep se perguntou se, embrulhada no jornal amassado que acolchoava seu mísero butim, ela caberia na Samsonite.

Os dois ainda se referiam a ela como "a Fonte do Casamento". O objeto de prata de lei tinha substituído um arranjo central de flores naquela modesta reunião de amigos, vinte e seis anos antes, enlaçando o trabalho, os talentos e a própria natureza dos noivos. Até aquele momento, a Fonte do Casamento constituía o único projeto em que ele e Glynis haviam colaborado em igual medida. Shep tinha se responsabilizado pelos aspectos técnicos da geringonça. A bomba era cuidadosamente escondida por um volteio de metal de acabamento espelhado ao redor da base; como o mecanismo funcionava sem interrupção, ele o havia substituído várias vezes no correr dos anos. Entendido em

matéria de água, Shep dera orientação sobre a largura e a profundidade das comportas e sobre a altura das quedas de um nível para outro. Glynis havia ditado o fluxo do metal em si, sua linha artística, e havia forjado e soldado as peças em seu antigo estúdio no Brooklyn.

Para o gosto de Shep, a fonte era austera; para o de Glynis, floreada, de modo que até em termos de estilo a construção encarnava um encontro de mentes a meio caminho. E era romântica. Unidas no alto, duas calhas ondulantes de prata separavam-se e se enlaçavam como pescoços de cisnes, uma servindo de apoio enquanto a outra derramava o líquido na cuba de seu par. Estreitas em cima, as duas linhas centrais da criação do casal se alargavam e volteavam em variações mais largas e cada vez mais alegres em direção à base. Nesta, as contribuições dos dois tributários da fonte formavam um raso lago interno, fazendo *confluírem seus recursos* no sentido mais literal do termo. O talento artesanal de Glynis era de primeira. Por mais ocupado que estivesse, Shep sempre havia honrado seu virtuosismo, mantendo a água no limite correto e esvaziando periodicamente o aparelho para dar polimento à prata. Não fosse esse trabalho de conservação, o amarelecimento acelerado da prata poderia sugerir uma mancha para além do metal. Depois que Shep se fosse, era provável que Glynis desligasse aquele treco e o enfurnasse em algum lugar longe dos olhos.

Como alegoria, os dois fluxos de água que alimentavam um lago comum representavam um ideal em que eles haviam falhado. Apesar disso, a fonte integrava com sucesso seus elementos. Glynis não apenas trabalhava com metal (ou costumara fazê-lo), ela *era* de metal. Rígida, pouco cooperativa, inflexível. Dura, refratária e brilhantemente tenaz. De corpo longo, esguio e anguloso como as joias e talheres que um dia havia produzido, ela não escolhera por acaso sua matéria-prima na escola de arte. Identificava-se naturalmente com qualquer material que se recusasse ferozmente a fazer aquilo que se queria que fizesse, cuja forma fosse resistente à mudança e só respondesse a um manejo violento. O metal era rebelde. Se maltratado em algum momento, suas mossas e arranhões captavam a luz como ressentimentos guardados.

Gostando ou não, o elemento de Shep era a água. Adaptável, fácil de manipular e propenso a tomar o curso de menor resistência, ele *seguia com a corrente*, como diziam na sua juventude. A água era maleável, dócil e fácil de aprisionar. Shep não se orgulhava dessas qualidades: a flexibilidade não parecia viril. Por outro lado, a aparente passividade do líquido era ilusória. A água era engenho-

sa. Como bem sabia qualquer proprietário de imóvel com um telhado velho ou um encanamento corroído, a água era insidiosa e, com seu jeito manso, encontrava um caminho. Tinha sua própria voluntariosidade ardilosa, uma insistência sorrateira e vazante, o instinto de descobrir aquela única emenda ou junta deixada sem vedação. Cedo ou tarde, a água entrava, se quisesse, ou — o que era mais vital, no caso de Shep — saía.

As primeiras fontes ornamentais de sua meninice, feitas de qualquer jeito com materiais inadequados, como madeira, vazavam muito, e seu pai o havia castigado por esses "bebedouros", como os chamava, que desperdiçavam água. Entretanto, Shep se tornara mais engenhoso com alguns objetos encontrados: travessas de louça lascadas, braços e pernas de bonecas que sua irmã jogava fora; as criações posteriores só perdiam água para a evaporação. Seus caprichos se tornaram cinéticos, com rodas de pás, xícaras que enchiam e viravam, jatos que mantinham um objeto balançando em suspensão, esguichos que faziam tilintar sinos de conchas ou cacos de vidro desbotados. Shep tinha conservado esse *hobby* até o presente. Como contrapeso para a implacável funcionalidade de sua vocação, as fontes eram de uma frivolidade fabulosa.

É quase certo que esse passatempo inusitado tivesse vindo não de alguma metáfora metida a besta sobre seu caráter, mas das associações corriqueiras da infância. Todo mês de julho, os Knacker costumavam alugar um chalé em White Mountains ao lado do qual corria um rio largo e impetuoso. Naquela época, as crianças tinham o privilégio de aproveitar verões de verdade, estirões de tempo sem nenhum compromisso marcado, que se estendiam até as brumas do horizonte. Tempo cuja aparente infinitude era mentira, mas, ainda assim, uma mentira sedutora. Pronto para o improviso, um tempo que se podia tocar como um saxofone. E por isso, Shep sempre havia ligado a cadência da água corrente à paz, à preguiça e a uma lânguida falta de urgência — coisas que, entre os acampamentos de férias com programas intensivos de matemática, as aulas com professores particulares, a prática de esgrima e os encontros organizados para brincar, as crianças de hoje nunca terão o gosto de conhecer. Era isso que vinha a ser a Outra Vida, ele reconheceu — não pela primeira vez —, e se serviu de outro dedo de *bourbon*. Queria seus verões de volta. O ano inteiro.

Nenhum dos cursos da escola dominical ou dos grupos da juventude cristã o havia conquistado, e o único ensino verdadeiramente formador do caráter

proporcionado por Gabriel Knacker a seu filho tinha sido uma viagem ao Quênia, quando Shep tinha dezesseis anos. Sob a égide de um programa de intercâmbio presbiteriano, o reverendo aceitara um cargo letivo temporário num pequeno seminário em Limuru, a uma hora de carro de Nairóbi, e levara a família consigo. Para desespero de Gabe Knacker, o que causou a impressão mais marcante em seu filho não foi a fervorosa aceitação do Evangelho por seus alunos do seminário, mas as compras de mantimentos. Na primeira saída para comprá-los, Shep e Beryl tinham ido com os pais às barracas da feira local à procura de mamão, cebola, batata, maracujá, feijão, abobrinha, um frango raquítico e um enorme pedaço de carne de corte indefinido: ao todo, comida suficiente para abarrotar cinco sacolas. Sempre ligado em finanças — uma das objeções de seu pai era que o filho ainda pensava demais em dinheiro —, Shep fizera de cabeça a conversão da moeda. O lote todo havia custado menos de três dólares. Mesmo ao câmbio de 1972, mantimentos para mais de uma semana tinham saído por um trocado.

Shep se mostrara consternado ao pensar em como algum daqueles comerciantes poderia obter lucro com preços tão míseros. Seu pai tinha feito questão de enfatizar que aquelas pessoas eram muito pobres: regiões inteiras daquele continente incivilizado viviam com menos de um dólar por dia. Mas o reverendo admitira que os lavradores africanos podiam cobrar centavos por seus produtos agrícolas porque também pagavam suas despesas com centavos. Shep já estava familiarizado com as economias de escala; essa foi sua apresentação à escala das economias. Aquilo queria dizer que o valor de um dólar não era fixo, mas relativo. Em New Hampshire, daria para comprar uma caixa de clipes; no interior do Quênia, compraria uma bicicleta — de segunda mão, mas em perfeitas condições de uso.

— Então, por que não pegamos as nossas economias e nos mudamos para cá? — Ele havia perguntado, enquanto carregavam as pesadas compras por uma trilha rural.

Num raro momento de brandura, Gabe Knacker dera um tapinha no ombro do filho, contemplando os cafezais verdejantes, banhados pelo cintilante sol equatorial:

— Às vezes eu me pergunto por quê.

Shep também se perguntara, e havia continuado a se perguntar. Se a pessoa podia ao menos sobreviver com um dólar por dia em lugares como o leste da África, com que conforto não viveria com algo como vinte dólares?

No ensino médio, Shep já era ávido por orientação. Tal como Zach, infelizmente, era competente em todas as matérias da escola, mas não se destacava em nenhuma delas. Numa época em que se valorizava mais e mais o domínio do abstrato — o atordoante mundo da "tecnologia da informação" estava a apenas uma década de distância —, Shep preferia tarefas cujos resultados pudesse apreender com a cabeça e segurar com as duas mãos: trocar um corrimão bambo. Mas seu pai era um homem instruído e não esperava que o filho trabalhasse no ramo da construção. Com seu coração de água, Shep nunca fora um filho rebelde. Dado seu pendor para fazer e consertar coisas, um diploma de engenharia parecera apropriado. E ele havia garantido ao pai muitas vezes, desde então, que realmente, realmente pretendia cursar a universidade.

Nesse meio-tempo, entretanto, aquela fantasia originalmente concebida em Limuru tinha se consolidado numa firme determinação. Poupar podia ter saído de moda, mas, com certeza, uma renda americana de classe média ainda permitiria guardar um dinheirinho. Assim, empenhando a industriosidade, a economia e a abnegação — que um dia foram os esteios morais do país —, deveria ser possível transformar um modesto pé-de-meia numa pequenina fortuna, simplesmente pegando um avião. O Terceiro Mundo estava em liquidação: duas vidas pelo preço de uma. Desde que atingira a maioridade, Shep tinha-se dedicado à realização dessa segunda vida. Nem sabia direito se era industriosidade o nome que se dava quando o sujeito trabalhava tanto só para poder parar de trabalhar.

E assim, de olho em seu verdadeiro objetivo — dinheiro —, gravitara instintivamente para o local em que os Estados Unidos guardavam a maior parte dele e se candidatara à Faculdade Municipal de Tecnologia de Nova York. É que, enquanto Gabe Knacker censurava o caráter do filho "filisteu" por sua adoração ao falso deus Mammon, Shep tinha a fervorosa convicção de que o dinheiro — a rede de relações financeiras com os indivíduos e o mundo em geral — *era* o caráter, a convicção de que a prova mais segura da fibra de um homem era seu modo de manejar a carteira. Por isso, o garoto decente e talentoso resolvera não drenar o magro salário que o pai recebia como pastor de uma pequena cidade (dreno a que Beryl se mostraria indiferente, quatro anos depois, ao esperar com despreocupação que o pai custeasse seu curso de cinema na NYU). Desde que ganhara seus primeiros cinco dólares, tirando neve com uma pá aos nove anos, Shep sempre pagara tudo o que consumira, fosse uma barra de chocolate Almond Joy, fosse sua educação.

E, assim, decidido a trabalhar primeiro para financiar seu curso, ele adiara sua aceitação na Faculdade Municipal de Tecnologia, no centro do Brooklyn, e conseguira um apartamento conjugado ali perto, em Park Slope, que — por mais difícil que fosse lembrar disso agora — era, naquele tempo, uma área bastante suspeita e baratíssima. As moradias do bairro estavam caquéticas e, embora necessitadas de pequenos consertos, eram ocupadas por famílias sem condições financeiras para pagar os preços dos profissionais sindicalizados, que eram um roubo. Por dominar diversas técnicas rudimentares de eletricidade e carpintaria, aprendidas quando ajudava na manutenção da casa de sua família em New Hampshire — uma construção do fim do período vitoriano que vivia caindo aos pedaços —, Shep distribuíra folhetos pelas lojas de conveniência locais anunciando seus serviços de faz-tudo à moda antiga. No boca a boca, logo se espalhara a notícia de que um garoto branco sabia consertar máquinas de lavar e trocar tábuas de piso apodrecidas a preços módicos e, em pouco tempo, ele tinha mais trabalho do que poderia dar conta. Ao adiar seu ingresso na faculdade pelo segundo ano, havia criado uma empresa, e a "Knack Para Toda Obra" já começava a contratar ajudantes temporários. Dois anos depois, Shep admitira seu primeiro empregado em horário integral. Como empresário assoberbado, tinha poucas horas de folga e, além disso, acabara de se casar. Assim, a serviço da pura eficiência, encontrara em Jackson Burdina, naquela época como agora, também o seu melhor amigo.

Para o pai de Shep, ainda era um assunto delicado que o filho nunca tivesse cursado uma universidade, o que era ridículo: a Knack Para Toda Obra tinha se expandido e progredido sem a bênção de qualquer canudo de papel. O verdadeiro problema era que Gabriel Knacker dava pouco valor ao trabalho manual, a menos que envolvesse cavar poços para aldeões empobrecidos no Mali com o Corpo da Paz ou consertar as telhas de um aposentado por pura bondade. Gabriel tinha uma péssima opinião sobre o comércio. Qualquer atividade cuja linhagem não remontasse diretamente à virtude era completamente sem sentido. O fato de que se todos se dedicassem exclusivamente à bondade pela bondade o mundo pararia numa freada brusca não o perturbava nem um pouco.

Até cerca de oito anos antes, a Vida A tivera seus méritos, e Shep não havia considerado que estivesse sacrificando sua juventude por um pedaço do céu. Sempre gostara do trabalho físico e se comprazia muito com um tipo característico de cansaço que não vinha da academia de ginástica, mas de montar

estantes de livros. Gostava de dirigir seu próprio negócio, sem ter de dar satisfações a ninguém. Glynis podia ter se revelado uma pessoa difícil de se lidar, e talvez não se descrevesse como feliz no panorama geral, mas provavelmente seria seguro dizer que era feliz com ele — ou tão feliz quanto seria com qualquer pessoa, o que não era muito. Shep ficara contente por ela ter engravidado logo, esperando Amelia. Tinha pressa, ansioso por atravessar a vida inteira em metade do tempo, e teria gostado muito se Zach tivesse nascido logo a seguir, e não dez anos depois.

Quanto à Outra Vida, Glynis parecia ter embarcado na ideia quando eles se conheceram. O fato de Shep ser homem imbuído de uma missão certamente a havia atraído, no começo. Sem essa visão, sem a Vida B erguendo-se em sua cabeça de maneira cada vez mais concreta, Shep Knacker seria apenas mais um pequeno empresário que descobriu um nicho de mercado: nada de especial. Nas circunstâncias vigentes, porém, escolher um novo país-alvo para a viagem de pesquisa a cada verão tinha sido um ritual revigorante no casamento. Eles eram, ou assim Shep tinha pensado até o despontar da apreensão no ano anterior, uma equipe.

Deste modo, ao receber a oferta para vender a empresa, em novembro de 1996, a ideia fora irresistível. *Um milhão de dólares*. Racionalmente, Shep reconhecia que um milhão já não era o que tinha sido, e que ele teria de pagar sobre o ganho de capital. Mesmo assim, a soma nunca havia perdido aquele incrível aspecto redondo da infância; por mais que inúmeras outras pessoas comuns também se tornassem "milionárias", a palavra conservava um toque especial. Combinada com os frutos de uma vida inteira de aperto de cinto, a receita da venda da Knack proporcionaria um dinheiro suficiente para cair fora sem nunca olhar para trás. Por isso, não tinha importância que o comprador — um empregado até então preguiçoso e desleixado, a ponto de a firma ter pensando em demiti-lo, que, de repente, havia recebido uma herança — fosse um palerma imaturo, desbocado e ignorante.

Que agora era o novo patrão de Shep. Ah, na época, é claro, parecera fazer sentido assinar um contrato na condição de empregado do que antes fora sua própria empresa — a qual, da noite para o dia, passara a se chamar "Randy Mão na Roda", um nome não apenas cafona, mas inexato, já que Randy Pogatchnik era tudo, menos prestimoso ou hábil. A ideia inicial tinha sido ficar por ali um ou dois meses, enquanto eles faziam as malas, vendiam suas diversas posses e encontravam pelo menos uma casa temporária em Goa.

Nesse meio-tempo, não gastariam seu capital, que Shep aplicara num fundo de investimento garantido, para fazê-lo engordar antes de ir para o matadouro; o Dow Jones estava em efervescência.

Os tais "um ou dois meses" se estenderam por mais de oito anos de submissão aos caprichos sádicos de um pirralho obeso de cara sardenta, que devia ter sabido de sua demissão iminente e, provavelmente, havia comprado a Knack — isso era preciso reconhecer no sujeito — como uma forma diabolicamente eficaz de vingança. Depois da venda, o padrão dos serviços da firma despencara, de modo que o cargo ocupado por Shep, "Gerente de Relacionamento com Clientes", criado para lidar com as reclamações e que nunca havia existido durante sua época como diretor, assumira as proporções de um trabalho exigente e decididamente desagradável, em horário integral.

Em retrospectiva, é claro que tinha sido uma imbecilidade vender a casa deles em Carroll Gardens, alguns anos antes — logo depois de uma recessão e na esteira de uma quebradeira no mercado imobiliário —, e mudar para uma casa alugada em Westchester. Shep teria ficado muito contente em permanecer no Brooklyn, mas Glynis havia concluído que a única maneira de finalmente se concentrar em "seu trabalho" seria afastar-se das "distrações" da cidade. (Ciente da fraqueza do marido, também tinha apresentado um astuto argumento financeiro: a qualidade das escolas públicas de Westchester lhes permitiria economizar as altas mensalidades do ensino privado em Nova York. Para Amelia, ficara tudo muito bem. Mais tarde, no entanto, quando Glynis tinha achado que Zach precisava de ajuda — e precisava mesmo —, encontrar uma "escola melhor" fora a maneira mais fácil de ter a impressão de estar fazendo alguma coisa, de modo que agora eles desembolsavam vinte e seis mil dólares por ano numa escola particular.) Jackson e Carol haviam ficado firmes em Windsor Terrace, e até aquele cafofo decrépito deles dera um salto na valorização para quinhentos e cinquenta mil dólares. O fato de ter se beneficiado pessoalmente da bolha imobiliária deixava Jackson mais paciente que Shep com a Empáfia dos Proprietários; ultimamente, nem bem se passavam cinco segundos do momento em que o sujeito cruzava a porta para fazer um conserto, a dona da casa já estava grasnando sobre o valor da porcaria do imóvel, portanto, ele que tomasse cuidado com aquela caixa de ferramentas perto dos lambris. Agora era assim, na maioria das grandes cidades: Los Angeles, Miami — uma histeria popular, como se todos os cidadãos tivessem telefonado para o *Dialing for Dollars* e ganhado o carro. Shep, provavelmente, estava

apenas com inveja. Mesmo assim, havia algo de repulsivo nessa euforia, uma mania que ele associava aos caça-níqueis. Como filho de pastor, não conseguia ver satisfação num prêmio que não tivesse relação com alguma coisa boa ou difícil que o indivíduo tivesse feito.

Os imóveis de Westchester também tinham valorizado trezentos por cento em dez anos, de modo que, sim, olhando para trás, eles deviam ter comprado alguma coisa — e com isso, obtido mais ou menos o mesmo lucro que ele conseguira na venda de uma empresa inteira, fruto de vinte e dois anos de suor, só que sem qualquer esforço. Agora era assim que as pessoas ganhavam dinheiro nesse país, de acordo com Jackson: com a bunda sentada na cadeira. Não se podia enriquecer como assalariado, ele esbravejava. Os impostos sobre os salários garantiam isso. Jackson afirmava que só a herança e os investimentos — com a bunda na cadeira — compensavam. Shep não tinha tanta certeza. Ele mesmo havia trabalhado duro, sem dúvida, mas fora recompensado por seu esforço. Limuru continuava sempre em sua cabeça, e ele tinha ganho muito mais que um dólar por dia.

Havia optado pelo aluguel pela mesma razão que motivara todas as grandes decisões que tinha tomado: queria poder levantar acampamento — de um jeito fácil, rápido e limpo, sem esperar pela venda de uma casa num mercado cujas oscilações era incapaz de prever. Era isso que o irritava um pouco na Empáfia dos Proprietários: todos aqueles bestalhões com a chave da casa agiam como se tivessem previsto a explosão imobiliária, como se fossem gênios das finanças, e não simples beneficiários da sorte. Talvez ele lamentasse ter perdido a sorte grande dos imóveis, mas não lamentava a razão de tê-la perdido. Orgulhava-se dessa razão, orgulhava-se de planejar ir embora. Só se envergonhava de ter ficado.

Tentava não culpar Glynis. Se isso significasse culpar a si mesmo, parecia justo. A Outra Vida era sua aspiração — designação que ele preferia a *fantasia* —, e qualquer outro sonho era um diluído artigo de segunda. Shep procurava não se aborrecer com Glynis por uma porção de coisas, e, de fato, o conseguia em larga medida.

Na época em que se conheceram, Glynis tinha sua própria pequena empresa domiciliar, onde fazia joias de uma elegância incrivelmente despojada e simples, numa era de burrice, coisas malfeitas e plumas. Ela entrara em contato com a Knack Para Toda Obra a fim de encomendar uma bancada de trabalho fixada no piso, e depois, por ter gostado do proprietário — de

seus braços fortes e cheios de veias, do rosto amplo como um campo de trigo —, para comprar um jogo de prateleiras para martelos, alicates e limas. Shep tinha gostado das exigências meticulosas da moça e ela apreciara sua execução igualmente meticulosa. Na segunda vez que ele aparecera, para dar acabamento na bancada, Glynis tinha deixado numerosas amostras de seu trabalho espalhadas ao acaso pelo estúdio (como confessou rindo quando os dois começaram a sair, ela havia balançado os penduricalhos cintilantes diante de seu belo faz-tudo "como iscas de pesca", de propósito). Embora nunca se houvesse considerado um tipo artístico, Shep ficara extasiado. Delicada e mórbida, toda uma série de longos alfinetes de gravata parecia uma montagem de ossos de passarinho; quando Glynis lhe serviu de modelo para exibir a pulseira, esta se enroscou em seu braço, deslizando como uma serpente até o cotovelo. Fortes, indefiníveis e severas, as criações dela eram uma inquietante manifestação da mulher que as fazia. Era difícil decidir se ele se apaixonara primeiro por Glynis ou por seu trabalho com metais, porque, na opinião de Shep, os dois eram uma coisa só.

Durante o namoro, Glynis dava aulas em cursos de verão e produzia peças avulsas no bairro das joalherias para pagar o aluguel. Enquanto isso, expunha colares em galerias de segunda classe, e seus trabalhos em prata mal rendiam o bastante para cobrir os custos. Mesmo assim, ela trabalhava febrilmente por longas horas e pagava sua conta de telefone. Com certeza, qualquer homem suporia que, para uma empreendedora como Glynis — disciplinada, ascética e impetuosa —, esforçar-se para contribuir financeiramente num casamento seria uma questão de orgulho. (Pensando bem, provavelmente era.) E por isso Shep nunca havia esperado ter que economizar sozinho para a Outra Vida.

Um homem menos compassivo que ele talvez achasse que havia caído no conto do vigário. A gravidez tinha parecido uma desculpa razoável para Glynis deixar ociosas as suas ferramentas metalúrgicas, mas as gestações só haviam respondido por dezoito meses dos últimos vinte e seis anos. O verdadeiro problema não era a maternidade, ainda que Shep tivesse levado muito tempo para descobrir qual era. Glynis precisava de resistência, da própria qualidade que o metal oferecia da maneira mais demonstrável. De uma hora para outra, ela não tinha dificuldades a superar, nenhuma dureza da vida de artesã, com as galerias surrupiando metade do preço já diminuto de um broche feito com a técnica *mokume*, que levava três semanas para ser forjado. Não, seu marido ganhava bem e, se ela dormisse até tarde e vadiasse por dias inteiros,

lendo a *Lustre*, a *American Craft Magazine* e o *Lapidary Journal*, a conta do telefone continuaria a ser paga. Pensando bem, Glynis precisava da própria necessidade. Só conseguia superar sua angústia diante da ideia de embarcar na fabricação de um objeto que, uma vez concluído, talvez não atingisse suas exigências rigorosas, se não tivesse alternativa. Nesse sentido, a ajuda de Shep a prejudicava. Ao fornecer o respaldo financeiro que deveria ter lhe facilitado a criação de qualquer peça de metal que lhe aprouvesse, ele havia destruído a vida de Glynis. Embrulhada com um laço que afrouxava a tensão, a facilidade tinha sido um presente venenoso.

Mas não era que sua mulher fosse preguiçosa. Uma vez que ela ainda alimentava a fantasia (até na cabeça de Shep essa palavra causava sofrimento) de se dedicar profissionalmente ao trabalho com o metal, todas as outras atividades domésticas qualificavam-se como procrastinação, e por isso eram executadas de maneira vigorosa e expedita. E também não era que ela não fizesse nada — em termos de trabalhos com metal, entenda-se bem. Desdenhando da confecção de joias como intrinsecamente insignificantes, Glynis havia passado por completo para os utensílios de mesa e, ao longo dos anos, produzira um punhado de peças deslumbrantes: as mais memoráveis eram a espátula para servir peixe, com incrustações de baquelita, e o requintado jogo de hashis de prata de lei, forjados à mão e perfeitamente ergonômicos, cuja extremidade mais pesada se curvava de leve, dolorosamente, como se estivesse derretendo. No entanto, cada projeto acabado era resultado de tanta agonia e tempo investidos que, no fim, ela não conseguia encontrar disposição para vendê-lo.

E assim, o que Glynis não tinha produzido era dinheiro. Se algum dia Shep comentasse em voz alta, depois de Zach e Amelia entrarem na escola, que ela continuava a não contribuir com um centavo, sua mulher se enrijeceria num ódio frio (e, por isso, ele não o fizera). Mas a renda de zero dólares dela não era uma objeção. Era um fato. Que, ao se casar, Shep não tinha imaginado que sustentaria a família toda, em caráter perpétuo, também era um fato. Mas ele era capaz de sustentar a família, e assim o fizera.

Além disso, ele a compreendia. Ou compreendia o quanto não conseguia compreender, o que já era um começo. Para tornar ainda mais intrigante sua própria inércia geográfica, de modo geral, Shep decidia fazer alguma coisa e a fazia. Para Glynis, ir da decisão para a execução era como saltar sobre os destroços de uma ponte arrastada pela correnteza. Dito de outra maneira, ela

possuía o motor, mas a ignição estava com defeito. Glynis era capaz de decidir fazer uma coisa, e nada acontecer. Aquilo era algo intrínseco a ela, uma falha de projeto, e, provavelmente, uma falha que ela era incapaz de corrigir.

Depois de manter a boca fechada por décadas, ele nunca deveria ter deixado escapar, sem querer, num café da manhã uns dois anos antes (durante uma semana particularmente exasperante na Randy Mão na Roda), que era uma pena eles não terem feito um pé-de-meia com as sobras de duas rendas durante aquele tempo todo, porque com isso já teriam partido há muito para a Outra Vida... Antes que ele terminasse a frase, Glynis se levantara da mesa sem dizer palavra e marchara porta afora. Naquela noite, quando Shep voltou para casa, ela já estava empregada. Aparentemente, durante todo aquele período, ele teria tido mais chance de fazer com que sua mulher trabalhasse não se usasse a adulação, mas a ofensa. Desde então, Glynis vinha criando moldes para a Viver em Pecado, uma chocolataria para consumidores da classe A e cuja fábrica ficava em Mount Kisco, uma cidadezinha próxima. Nesse mês, a companhia já estava se preparando para a Páscoa. E assim, em vez de polir utensílios de mesa vanguardistas, com propriedades dignas de um museu, sua mulher estava moldando coelhinhos de cera, que seriam reproduzidos — o que era muito apropriado — em chocolate amargo, e recheados de creme de laranja. Era um emprego de meio expediente, sem benefícios trabalhistas. O salário contribuía de maneira ridícula para o cofre da família. Glynis conservava o emprego por pirraça.

Em contrapartida, era possível que Shep a tivesse deixado conservá-lo por pirraça. E depois, ela não conseguia evitar. Os coelhinhos eram ótimos.

Ele se sentia desconcertado ao ser sistematicamente punido pelo que poderia ter gerado um mínimo de gratidão. Shep não exigia essa gratidão, mas poderia dispensar o rancor, um sentimento que se caracteriza por ser desagradável para quem o nutre e quem o recebe. Glynis se ressentia de sua dependência, que considerava humilhante. Ressentia-se de não ser uma artista famosa no trabalho com metais, e se ressentia de que sua condição de nulidade profissional se afigurasse a todos, inclusive a ela própria, como culpa sua. Ressentia-se dos dois filhos, por terem desviado sua energia quando eram pequenos; quando deixaram de ser pequenos, ressentiu-se deles por não desviarem sua energia. Ressentia-se de que o marido e os dois filhos, que já agora tinham a desconsideração de não lhe exigir nada, tivessem roubado suas relíquias mais preciosas: suas desculpas. E, como o ressentimento produz o equivalente psíquico da azia,

ela se ressentia do próprio ressentimento. Nunca ter tido grandes motivos para se queixar era mais uma razão para se sentir ofendida.

Por temperamento, Shep era predisposto a se considerar afortunado, embora ele próprio possuísse um bom número de razões para se ressentir, se tivesse essa inclinação. Sustentava a mulher e o filho. Subsidiava a filha Amelia, embora ela já tivesse três anos de formada. Subsidiava o pai idoso, e se certificava de que o orgulhoso reverendo aposentado não soubesse disso. Tinha feito vários "empréstimos" à sua irmã Beryl, que ela jamais pagaria, e era provável que ainda não tivesse feito o último; oficialmente, porém, eram de empréstimos, e não presentes, pelos quais Beryl nunca lhe agradecia nem se sentia envergonhada. Ele havia pago toda a despesa do funeral da mãe e, como ninguém mais tinha tocado no assunto, Shep também não tocara. Todo membro de uma família tem seu papel, e o dele era pagar as contas. Visto que os demais envolvidos aceitavam essa situação como um fato reconhecido, Shep também a aceitava como um fato reconhecido.

Raramente comprava algo para si, mas não queria nada. Ou só queria uma coisa. Ainda assim, por que agora? Por que, se já fazia mais de oito anos desde a venda da Knack, não poderiam ser nove? Por que, se podia ser nesta noite, não poderia ser na noite seguinte?

Porque era início de janeiro no estado de Nova York, e fazia frio. Porque ele já tinha quarenta e oito anos e, quanto mais se aproximava dos cinquenta, mais a Outra Vida, mesmo que ele enfim a atingisse, pareceria uma aposentadoria precoce rotineira. Porque somente no mês anterior o seu fundo de investimento "garantido" havia recuperado o valor da aplicação inicial. Porque, em sua inocência imbecil, ele havia alardeado por décadas a quem parecesse interessado sua intenção de deixar para trás todo o mundo do planejamento de impostos, das vistorias do carro, dos engarrafamentos e do telemarketing. (À medida que sua plateia fora envelhecendo, a admiração juvenil dos outros havia há muito azedado, transformando-se em gozação pelas suas costas. Ou nem sempre pelas costas, porque, na Randy Mão na Roda, a "fantasia de fuga" de Shep, como a chamava Pogatchnik com petulância, era uma fonte sistemática de impiedosa zombaria.) Porque ele mesmo começara a duvidar perigosamente da veracidade da Outra Vida e, sem essa promessa de alívio, não conseguiria — não conseguiria — continuar. Porque havia pendurado uma cenoura à frente do próprio nariz, feito um maldito burro, reconfortado pela sedução do adiamento infinito, sem nunca perceber que, se era

sempre possível ir embora amanhã, ele também poderia ir embora hoje. Na verdade, era a simples arbitrariedade dessa noite de sexta-feira que tornava tudo tão perfeito.

Quando Glynis abriu a porta da frente, Shep se assustou, sentindo-se culpado. Havia ensaiado inúmeras vezes suas falas iniciais, mas agora o roteiro tinha fugido.

— *Bourbon* — disse ela. — Qual é a ocasião especial?

Ainda agarrado à sua última reflexão, ele teve vontade de explicar que a ocasião não era especial, e era isso que a tornava especial.

— Os hábitos existem para serem rompidos.

— Alguns — censurou Glynis, tirando o casaco.

— Quer um?

Ela o surpreendeu:

— Quero.

Glynis continuava esbelta, e ninguém lhe daria cinquenta anos, embora, nessa noite, houvesse em seu semblante um cansaço que de repente tornava possível imaginá-la aos setenta e cinco. Andava cansada desde setembro, pelo menos, e dizia ter uma febre baixa que, pessoalmente, Shep não tinha detectado. Embora, ultimamente, ela houvesse desenvolvido uma discreta barriguinha, o resto do corpo, para dizer o mínimo, estava mais magro. Essa redistribuição do peso era normal na meia-idade, e Shep era cavalheiro demais para tecer comentários sobre o assunto.

Os dois se permitirem uma bebida pesada, mal passadas as sete da noite, era algo que promovia uma cumplicidade calorosa, que Shep relutou em minar. No entanto, o seu inofensivo "Onde você foi?" saiu como uma acusação.

Sua mulher sabia ser evasiva, mas era raro não dar resposta alguma. Ele deixou para lá.

Enroscando-se protetoramente em torno do copo de bebida, em sua poltrona costumeira, Glynis dobrou os joelhos e se sentou em cima dos pés. Sempre parecia fechada, ocupada com alguma outra coisa, mas nessa noite a impressão foi incomumente mais forte. Talvez houvesse intuído o objetivo de Shep, e por isso demorara tanto a chegar. Quando ele meteu a mão no bolso e, em silêncio, enfileirou os três bilhetes impressos na mesinha de vidro, ao lado da Fonte do Casamento, Glynis arqueou as sobrancelhas:

— Que tal explicar?

Ela era uma mulher elegante, por quem Shep se interessava — da mesma maneira que as pessoas comuns costumam ficar fascinada pelos porras-loucas. Ele parou para considerar se, sem a mulher como parceira ou adversária, a Outra Vida se revelaria uma desolação.

— Três passagens para Pemba. Eu, você e o Zach.

— Outra "viagem de pesquisa"? Você podia ter pensado nisso antes dos feriados de Natal. As aulas de Zach já recomeçaram.

Embora ela nunca tivesse tido o hábito de se expressar entre aspas, o toque amargo que deu a "viagem de pesquisa", nesse momento, fez lembrar o tom zombeteiro de "fantasia de fuga" proferido por Pogatchnik. Shep reparou na presteza com que ela inventava uma desculpa para que o capricho do marido fosse impossível, descartando com esperteza até a confusão com sua breve escapada. No trabalho, Shep empenhava sua inteligência na resolução de problemas; Glynis usava a dela para inventá-los, para construir obstáculos que pudesse jogar em seu próprio caminho. Essa excentricidade não o incomodaria, se o caminho dela também não fosse o seu.

— Essas passagens são só de ida.

Seria esperado que, quando ela entendesse, quando registrasse a verdadeira natureza do desafio que ele lhe lançara na mesinha de centro, seu rosto se anuviasse, assumindo uma expressão solene, ou se crispasse com a rigidez cautelosa de quem se prepara para o combate. Em vez disso, ela pareceu achar certa graça. Shep estava acostumado com a ridicularização na Randy Mão na Roda ("Tá, é claro que você vai se mudar para a África, logo, logo, você e a Meryl Streep"), e às vezes, apesar de se odiar por isso, ele mesmo entrava na brincadeira. Mas, partindo de Glynis, qualquer sugestão do mesmo ceticismo displicente e compadecido era de matar. Shep sabia que sua mulher já não estava interessada no assunto, mas não pensava que sua atitude tivesse chegado a esse ponto.

— Que desperdício — disse ela, calmamente, com um esboço de sorriso. — Não é do seu feitio.

Glynis havia intuído com acerto que as passagens só de ida eram mais caras que as de ida e volta.

— É um gesto — retrucou Shep. — Não tem a ver com dinheiro.

— Não consigo imaginá-lo fazendo nada que não se relacione com dinheiro. A sua vida toda, Shepherd — ela anunciou —, tem sido sobre o dinheiro.

— Não por ele mesmo. Nunca tive esse tipo de ganância, você sabe, de querer dinheiro para ficar rico. Quero comprar coisas com ele.

— Eu acreditava nisso — respondeu ela, em tom tristonho. — Agora me pergunto se você faz alguma ideia do que realmente quer comprar. Você nem sabe do que quer se livrar, muito menos daquilo que quer ter.

— Sei, sim. Quero comprar a mim mesmo. Lamento soar como o Jackson, mas ele tem razão, de certo modo. Eu sou um servo sob contrato. Este não é um país livre, em nenhum sentido da palavra. Se você quer sua liberdade, tem de comprá-la.

— Mas a liberdade não é diferente do dinheiro, é? Não faz sentido, a menos que você saiba como quer gastá-la.

A observação pareceu oca, até entediante.

— Já conversamos sobre como quero gastá-la.

— É — concordou Glynis, com ar cansado. — Interminavelmente.

Shep engoliu o insulto.

— Parte de ir embora é descobrir.

Nenhuma outra conversa que ele inventasse poderia prender mais a atenção de sua mulher, mas ele seria capaz de jurar que ela havia se dispersado.

— Gnu — apelou, pronunciando o *G*; esse termo carinhoso remontava à primeira viagem de pesquisa dos dois ao Quênia, na qual ela fizera imitações ruidosas de gnus, com as mãos em concha na cabeça para formar os chifres e franzindo o rosto alongado numa expressão suplicante, que parecia ser triste e burra ao mesmo tempo. Fora uma macaquice infantil e sedutora. Shep costumava chamá-la de Gnu e, ultimamente... bem, ultimamente, percebeu com um susto, não a vinha chamando de coisa alguma. — Esses bilhetes são de verdade. Para um avião de verdade, que parte daqui a uma semana. Eu gostaria que você fosse comigo. Gostaria que o Zach fosse conosco, e, se partirmos como uma família, vou arrastá-lo pelos cabelos na ponte de embarque. Mas *eu vou*, com ou sem vocês.

Aparentemente, Glynis achou aquela declaração hilária.

— Quer dizer que é um ultimato? — perguntou, e virou o copo, como que para abafar o riso.

— É um convite.

— Daqui a uma semana, você vai pegar um avião e partir para uma ilha onde nunca esteve e onde vai passar o resto da vida. Para que é que serviram todas aquelas "viagens de pesquisa"?

No uso que Glynis fez de *você*, em vez de *nós*, Shep compreendeu sua resposta, e não estava preparado para a repentina sensação de vazio no peito.

Embora houvesse tentado ser realista consigo mesmo, tinha conservado a esperança de que ela e Zach o acompanhassem a Pemba, afinal. Mas esse confronto estava só começando, de modo que lhe restava a fé adicional de que, pela primeira vez na história do universo, pudesse fazê-la mudar de ideia.

— Escolhi Pemba exatamente por não termos ido lá. Isso significa que você não pode vir logo com um zilhão de razões pelas quais mais uma opção precisa ser descartada.

Quando ela não deu qualquer resposta, Shep conseguiu se lembrar de parte do que havia recitado ao volante do carro, naquela tarde, na autoestrada Henry Hudson:

— Goa recebeu aprovação geral, até você ler sobre aquele inglês expatriado que foi assassinado por uma conhecida local na casa dela, e aí virou perigosa demais. Um assassinato. Como se as pessoas nunca se matassem em Nova York. A Bulgária, quando fomos lá pela primeira vez, seria uma barbada, e ainda por cima no mundo ocidental, nem que fosse só em termos, com banda larga, serviço postal e água potável. Mas a comida era insossa demais. A *comida*. Como se não pudéssemos arranjar um pouquinho de alho e alecrim. Nesse meio-tempo, os preços dos imóveis já começaram a subir em disparada, e agora é tarde demais. O mesmo com a Eritreia, que instigou sua imaginação: um país novo e orgulhoso, gente calorosa, café expresso em todas as esquinas e a arquitetura dos anos 1950 foram um estímulo agradável. Agora, para sua sorte, o governo foi para o espaço. Você adorou o Marrocos, lembra-se? Canela e terracota; nem a comida nem a paisagem eram *insossas*. Pareceu tão promissor que concordei em ficar mais um pouco, quando a minha mãe teve o derrame, e chegamos com meio dia de atraso para dizer adeus.

— Você compensou isso.

Ah, as despesas do funeral. Se Shep não se ressentia das imposições que a família fazia a suas finanças, Glynis se ressentia em seu lugar.

— Mas, depois do onze de setembro — ele foi adiante —, de repente, todos os países muçulmanos, inclusive a Turquia, para minha decepção, foram riscados da lista. Tivemos uma oportunidade fantástica quando o peso despencou na Argentina. Antes disso, poderíamos ter comprado praticamente qualquer coisa no Sudeste Asiático, durante aquela crise financeira. Mas agora, todas essas moedas se recuperaram e, hoje, os nossos recursos nunca se esticariam por trinta ou quarenta anos em nenhum desses países. Em Cuba,

você não conseguiria viver sem xampu e papel higiênico. Os requisitos para residência na Croácia acarretavam muitas burocracias. As favelas do Quênia eram muito deprimentes; a África do Sul fez você se sentir culpada por ser branca. O Laos, Portugal, Tonga e o Butão, nem me lembro mais qual era o problema deles, mas — Shep se permitiu um toque de amargura — tenho certeza de que você se lembra.

Glynis exalava uma brandura agressiva e parecia estar se divertindo:

— Foi você que excluiu a França — comentou com meiguice.

— Isso mesmo. Os impostos acabariam conosco.

— Sempre o dinheiro, Shepherd — ela o repreendeu.

Nesse momento, ocorreu-lhe que as pessoas que agiam como se estivessem acima do dinheiro — os tipos metidos a artistas, como sua irmã, ou seu pai ligado no Velho Testamento — eram as mesmas que nunca chegavam a ganhar nenhum que fosse digno de nota. Glynis sabia perfeitamente que a Outra Vida tinha que fazer sentido em termos financeiros, senão constituiria apenas um longo e desastroso período de férias.

— Mas você nos paralisou pelos dois lados, não foi? — prosseguiu Shep. — Não só nenhum destino era bom o bastante, como nunca era a hora certa de ir embora. Tínhamos que esperar a Amelia terminar o ensino médio. Tínhamos que esperar a Amelia sair da faculdade. Tínhamos que esperar o Zach terminar o curso primário. O ensino fundamental. Agora é o ensino médio, e depois, por que não a faculdade? Tínhamos que esperar nossos investimentos se recuperarem do estouro da bolha da internet, e depois, do onze de setembro. Bom, eles se recuperaram.

Shep não estava acostumado a falar tanto e a tagarelice o fazia se sentir bobo. Talvez fosse tão dependente de *resistência* quanto Glynis, quer dizer: da resistência dela.

—Você acha que estou sendo egoísta. Talvez esteja. Para variar. Isto não tem a ver com dinheiro, tem a ver — fez uma pausa, constrangido — com a minha alma. Você vai dizer, você já disse, que não será o que eu espero. Aceito isso. Não é como se eu alimentasse uma ideia falsa sobre me instalar de vez na praia. Sei que o sol acaba cansando, que existem moscas. Mas uma coisa eu posso lhe dizer: eu planejo ter oito horas de sono. Sei que parece pouco, mas não é. Eu adoro dormir, Glynis, e... — Shep não queria engasgar-se nesse momento, não até pôr tudo para fora — gosto especialmente de dormir com você. Mas, quando eu digo, num jantar em Westchester, que anseio por oito horas de sono,

o que acontece? As pessoas *riem*. Para o pessoal daqui, que viaja todo dia para ir e voltar do trabalho, essa é uma ambição tão absurda, que chega a ser engraçada.

"Por isso", continuou, "não me interessa o que mais eu vou fazer em Pemba, nem se vão ficar cortando a energia. Porque, se eu recuar agora, sabe, eu sei, no fundo do coração, que nunca iremos embora de verdade. E, sem ter uma terra prometida por que esperar, eu não posso continuar, Gnu. Não aguento continuar a limpar a sujeira feita por aqueles desastrados sem preparo da Randy Deixa na Mão. Não aguento continuar parado no trânsito durante horas, ouvindo a NPR na West Side Highway. Não posso continuar a sair correndo para comprar leite no supermercado e a ganhar "pontos de bonificação" no nosso cartão do mercado, para que, depois de gastar vários milhares de dólares, a gente se habilite a receber um peru grátis no Dia de Ação de Graças.

— Há destinos piores.

— Não. Não tenho certeza de que haja. Sei que vimos muita pobreza: esgotos sem tratamento correndo a céu aberto e mães catando cascas de manga. Mas eles sabem o que está errado na vida deles, e têm noção de que, com uns xelins ou pesos ou rupias no bolso, as coisas podem melhorar. Há algo de especialmente terrível em ouvir repetidas vezes que a gente leva a vida mais maravilhosa do mundo e que não há nada melhor que isso, e continua a ser uma merda. Este aqui é tido como o melhor país do mundo, mas o Jackson tem razão: é um engodo. Devo ter umas quarenta "senhas" diferentes para contas de banco e telefone e cartões de crédito e internet, e mais uns quarenta números de conta diferentes, e você soma isso tudo e a nossa vida é essa. E é tudo feio, fisicamente feio. Os hipermercados de Elmsford, as lojas do Kmart, do Walmart e da Home Depot... tudo de plástico e metal cromado, com cores berrantes que não combinam, e todo mundo com pressa, para fazer o quê?

Não era imaginação dele. Glynis realmente não estava prestando atenção.

— Desculpe — disse Shep. — Você já ouviu isso antes. Talvez eu esteja errado, e pode ser que eu volte mesmo para casa, em algumas semanas, todo sem jeito e com o rabo entre as pernas. Mas prefiro a humilhação de tentar e fracassar a desistir. Desistir seria como morrer.

— Acho que você vai descobrir — disse Glynis, num tom muito comedido, cheio de uma grande nova sabedoria em que ele não estava interessado — que não seria minimamente como morrer. Nada é igual a morrer. Usamos isso como metáfora para outras coisas. Coisas menores e bobas e muito mais suportáveis.

— Se é essa a sua ideia de me fazer mudar de opinião, não acho que esteja funcionando.

— Quando é que você planeja partir das nossas paragens?

— Na sexta-feira que vem. Voo BA-179, saindo do JFK às 22h30 rumo a Londres. E de lá, para Nairóbi, Zanzibar e Pemba. Você e o Zach podem ir comigo, até o minuto em que o avião fechar a porta. Até lá, achei que seria melhor eu cair fora e lhe dar uma chance para pensar.

Uma chance para sentir minha falta, foi o que quis dizer. *Sentir minha falta enquanto ainda pode não sentir minha falta*. E, com toda a franqueza, ele estava com medo de Glynis. Se continuasse ali, ela conseguiria dissuadi-lo da ideia. Era boa mesmo nisso.

—Vou ficar na casa da Carol e do Jackson. Eles estão me esperando, e você pode me procurar lá quando quiser, até eu ir embora.

— Eu gostaria mesmo que você não fosse — disse ela, despretensiosamente. Depois de pegar o copo na mesinha, levantou-se e alisou as calças, num gesto que Shep reconheceu como o de Glynis se preparando para fazer mais um jantar banal. — Ao menos desta vez, a Randy vai ser realmente uma mão na roda, e acho que vou precisar do seu seguro de saúde.

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Glynis ainda arrumava a cozinha, Shep deu uma fugida ao segundo andar e tirou o roupão de banho da mala. Repôs as duas camisas na terceira gaveta da cômoda e as alisou, para deixá-las em estado respeitável para ir trabalhar. Retirou da mala os alicates de ponta fina, as chaves de fenda e a serra de arco, tornando a guardá-los nas prateleiras de sua surrada caixa de ferramentas de metal vermelho. Quando chegou ao pente, antes de recolocá-lo no lugar de costume, ao lado da caixa de charutos onde ficavam as moedas estrangeiras remanescentes, passou-o pelo cabelo.